

# Temporalidade, profissionalização e construções identitárias

*Pascal Roquet<sup>1</sup>*

*Tradução de Antônio de Pádua Nunes Tomasi<sup>2</sup>*

## **Resumo:**

A profissionalização dos adultos se inscreve nas dinâmicas temporais, engajando o indivíduo nos processos de construção identitária. A localização de posições temporais (macro, meso, micro) no quadro da profissionalização e a consideração do tempo vivido permitirão ligar as construções identitárias formativas e profissionais dos adultos nas posições temporais, e se traduzem por formas variadas de profissionalização. Apresentamos sobre isso três exemplos saídos de nossos trabalhos de pesquisa: os engenheiros, os empregados – jovens da mediação social – e os massagistas – fisioterapeutas – para ilustrar nossa proposição e para mostrar que a continuidade e a descontinuidade temporal produzem formas diferenciadas de construção identitária. A oposição tempo longo/tempo curto oferece um quadro de compreensão da variedade dos processos de construção identitária.

**Palavras-chave:** temporalidade; construção identitária; profissionalização.

---

1 Professeur des Universités CRF/CNAM

2 Doutor em Sociologia – Paris 7

# Temporality, adult learning and professional identities

*Pascal Roquet*

*Tradução de Antônio de Pádua Nunes Tomasi*

**Abstract:**

The professionalization of adults is embedded in temporal dynamics that engage individuals in processes of professional identity construction. Macro, meso and micro temporal positions can be identified within professionalization. In the light of the concept of lived-time, this highlights connections between the formative and professional identity construction processes in definite temporal positions, and it reveals various forms of professionalization. This theory is explained and illustrated through the examples of our research works on French physiotherapists, and on junior community workers in a French youth employment promotion programme. Our studies show how temporal continuity and discontinuity produce differentiated forms of identity construction. The opposition long time / short time provides a framework for understanding the variety of identity construction process.

**Keywords:** temporality, identity construction, professionalization.

As aprendizagens experienciais de adultos (KOLB, 1984) e os processos de profissionalização que a elas estão ligados se desenvolvem em contextos e situações privadas, profissionais, cada vez mais diversificadas e móveis. Também as construções identitárias que estão a elas associadas são marcadas por articulações, sobretudo, tensões entre temporalidades, definidas pela urgência das reformas da organização, das políticas de racionalização, da universalização, num quadro de aceleração das exigências de desempenho e de sucesso profissional, e de temporalidades mais longas, favorecendo o desenvolvimento profissional e a construção pelo sujeito de sua própria profissionalização. Essas temporalidades individuais se cruzam com temporalidades institucionais, também marcadas pelo culto da urgência, da solução rápida (AUBERT, 2003), mas, igualmente, pela necessidade da durabilidade, da perenidade da construção, da programação institucional (DUBET, 2002). Essa conflitualidade temporal tempo curto/tempo longo participa da compreensão de processos de construção identitária pelos adultos inscritos nos percursos de formação e de profissionalização.

A partir desse contexto, propusemos, num primeiro momento, uma reflexão sobre as posições temporais (macro, meso, micro) da profissionalização e de sua articulação. Num segundo momento, a apresentação da concepção do tempo vivido permitirá apreender os processos temporais inscritos nos percursos formativos e profissionais dos adultos. Enfim, três análises saídas de nossos trabalhos de pesquisa, que tratam de três grupos de atores profissionais, os engenheiros, os massagistas-fisioterapeutas e os empregados-jovens da mediação social, apontarão três processos distintos de construção temporal da profissionalização e de seus efeitos sobre as construções das identidades profissionais desses três grupos de profissionais.

## 1 As posições temporais da profissionalização

As temporalidades tocam o conjunto das atividades das sociedades tradicionais, modernas e pós-modernas. A força do tempo programático, a dominação do tempo relógio, característico dos tempos modernos (SUE, 1994), inscrevem-se no tempo organizado, racionalizado das organizações de trabalho, das instituições das sociedades industriais (SENNETT, 2006). Esse tempo organizado, tanto na natureza (o tempo das estações) quanto na sociedade (a racionalização dos tempos econômicos, sociais, educativos...) e nos indivíduos (as carreiras, os ciclos de vida...), caracteriza a civilização ocidental dos séculos XIX e XX. O tempo relógio remete a uma concepção temporal que, por sua vez, remete ao *Chronos*, ao tempo físico, ao tempo objetivo da sucessão dos acontecimentos do mundo, que acabou por expulsar o tempo kairológico (URRY, 2000), o tempo da mudança, do movimento, da emergência das formas e das ocasiões, à procura ativa por novidades. Essa concepção do *Kairos*, do tempo descontínuo, do criativo, reencontra-se nas abordagens pós-modernas e hipermodernas que colocam o desenvolvimento do individualismo no coração das mutações maiores. Essa relação

do tempo se concebe, então, como uma série de peças vazias que seria possível de percorrer num dado tempo. Os indivíduos se inscrevem, assim, nas temporalidades múltiplas que podem ser constringedoras e emancipadoras (temporalidades familiares, profissionais, formativas). A questão, então, é circunscrever as posições temporais pelas quais podem se empregar essas temporalidades.

Os processos temporais multiformes dizem respeito tanto às atividades privadas, públicas, quanto às atividades profissionais. As formas de temporalidades são visíveis nos percursos individuais, em torno de diferentes seqüências que não se revestem de um caráter linear. As temporalidades são múltiplas e variadas, religam-se a formas de experiências temporais que atingem níveis diferenciados da experiência humana. A distinção clássica macro/meso/micro, que se apoia sobre a distinção construída por Braudel (1949), nos autoriza a conceber as temporalidades numa tomada direta com os processos sociais e culturais, em dimensões ao mesmo tempo individuais e coletivas. Situar esses processos a partir de posições temporais distintas não nos impede de os “ver ao vivo”, em interação permanente, no interior de dinâmicas temporais individuais.

### **1.1 O macro temporal: uma profundidade histórica**

O macro temporal abrange um tempo histórico, de longa duração, construído sobre uma escala que gera figuras temporais referenciadas, datadas, inscritas em espaços-tempo definidos. Essa temporalidade é fruto de uma historicidade precisa, própria de cada cultura e de cada sociedade. O que ela produz é uma configuração temporal (ELIAS, 1996), um regime de historicidade (KOSELLECK, 1990; HARTOG, 2003) que privilegia relações particulares entre passado, presente e futuro, ou ainda, entre campo de experiência (relação do passado com o presente) e horizonte de espera (relação do futuro com o presente).

Nesse quadro da profissionalização, trata-se de uma construção histórica de modelos profissionais, notadamente para as profissões estabelecidas, ancoradas sobre processos educativos, formativos, que fundam a legitimidade do exercício de uma atividade. Para as profissões estabelecidas, ou ainda, as profissões em via de reconhecimento, em emergência ou também as atividades consideradas como não organizadas, a compreensão do processo histórico é indispensável para se apreender a gênese das dinâmicas da profissionalização. Os laços entre formação e profissionalização definem as articulações entre os diferentes tipos de saberes. A construção e a valorização dos diferentes tipos de saberes, no nível macro, têm como referência três formas: os saberes teóricos, transmitidos de maneira acadêmica; os saberes profissionais e os saberes empíricos, adquiridos pela experiência; e, ainda, os saberes de ação, adquiridos no quadro de atividades formativas e profissionais específicas. Eles podem existir separadamente ou formar combinações, fazerem-se traduzir pelos modos formalizados, em programas de ensino, ou por modos mais informais de transmissão de

saberes (autoformação, aprendizagem pelos pares...). Essa trilogia remete, ao mesmo tempo, a transmissão dos modos de aprendizagem de uma atividade profissional e a sua integração no modo de organização do grupo profissional. Trata-se de produzir processos educativos, formativos, que deem base à legitimidade do exercício de uma atividade profissional.

## **1.2 O meso temporal: uma tradução institucional**

O meso temporal é uma forma de mediação temporal que se materializa pela produção de experiências temporais coletivas, principalmente sob a forma institucional e organizacional. Os regimes temporais históricos se traduzem em dispositivos temporais ancorados em contextos socioculturais precisos. Essa temporalidade se inscreve numa contemporaneidade, um presente palpável para cada indivíduo; ela visa concretamente a um objetivo político, social, presente, situado num instante “t”, numa configuração histórica. A forma mais visível se encontra nas temporalidades das instituições e das organizações, no interior de nossas sociedades modernas e pós-modernas. Esse nível corresponde a uma tradução da profissionalização, construída sobre um plano macro nos dispositivos de formação inicial ou continuada ou dispositivos de profissionalização. Essa tradução se define frequentemente em “um programa institucional”, ou seja, um modo de socialização dos atores em situações formativas e/ou profissionais. As escolas, as universidades, os dispositivos de formação, os dispositivos de profissionalização definem programas institucionais que se inscrevem ou não em modelos históricos anteriores. Dubet precisa isso da seguinte forma:

1) Este programa considera que o trabalho sobre o outro é uma mediação entre valores universais e indivíduos particulares; 2) ele afirma que o trabalho de socialização é uma vocação, porque ele está diretamente fundado em valor; 3) este programa crê que a socialização visa inculcar normas que conformam o indivíduo e, ao mesmo tempo, o torna autônomo e livre. (DUBET, 2002, p. 13-14).

Os saberes transmitidos, a articulação entre as formas de saber, a construção das profissões são algumas das construções sociais que participam dessa tradução.

## **1.3 O micro temporal: temporalidades vividas**

O micro temporal toca diretamente os indivíduos, as temporalidades individuais; trata-se de experiências temporais próprias a cada um, heterogêneas, repousando sobre espaços de continuidade e/ou de ruptura biográfica, incluindo ritmos de movimentos diferenciados da existência. Ele remete, hoje, aos “percursos de profissionalização”, inscritos nos trajetos biográficos diversificados. Essas temporalidades têm como referência os ciclos de vida, as biografias individuais, assim como as relações temporais vividas e construídas pelos indivíduos. Elas não podem estar separadas

das temporalidades históricas e das temporalidades institucionais, porque elas traduzem representações sociais e exprimem o vivido das temporalidades individuais e coletivas (BOUTINET, 2004). Ao mesmo tempo, elas dão sentido às diferentes formas de temporalidades e traduzem o vivido das temporalidades no campo das experiências quotidianas de todos. Elas integram tanto processos de estabilização quanto processos de mudança, referenciados no estilhaçamento das temporalidades modernas; o micro reinterroga o macro e o meso. Nessa perspectiva, é primordial apreender a diversidade e a singularidade desses percursos numa pluralidade temporal própria de cada ser humano. Os processos de profissionalização se concretizam nas dinâmicas individuais de produção de saberes, inscritos nas atividades educativas, formativas e profissionais, diferenciadas ao longo de toda vida (*transformative learning*, reconversões profissionais...).

#### 1.4 A religação das posições temporais

As temporalidades podem, então, se diversificar, engendrar velocidades diferentes (VIRILLO, 1995, 2005) e também estagnar, estabilizar, acelerar, frear, segmentar-se em formas de continuidade/descontinuidade/ruptura, atingir tanto as temporalidades institucionais quanto as temporalidades individuais. Elas só existem por esses movimentos, ritmos, que são a expressão de continuidades e de descontinuidades inerentes a todo processo social ou individual. Assim, aos contextos racionalizadores da era moderna, ou seja, à sociedade industrial, às temporalidades lineares (a família e a carreira construídas de uma vez, por toda vida), opor-se-ia uma “desprogramação”, um estilhaçamento dos modelos estabelecidos ao proveito de bricolagens institucionais e individuais. A separação continuidade/descontinuidade não é também bem resolvida. A continuidade pode se resguardar por meio da resistência dos quadros institucionais, face à heterogeneidade das situações individuais (o tempo do programa é sempre o da atualidade), assim como nas construções individuais, a exemplo de modelos de carreiras profissionais nômades (a mobilidade pode ser uma forma de continuidade no sucesso profissional). A descontinuidade pode ser interrogada via processos de ruptura, cada vez mais numerosos nos vieses privados e nas vidas profissionais, assim como também nos modos de gerenciamento das instituições, cada vez mais confrontadas às mudanças permanentes.

Trazendo novamente o que já dissemos antes, o que chamamos de posições temporais (macro, meso, micro) são camadas sucessivas de temporalidades, permitindo apreender essas representações num instante “t”, de religá-las para que tenham sentido na realidade social e individual. Elas correspondem a estados experienciais e, logo, humanos do tempo vivido, reconstruídos, *a posteriori*, pelos indivíduos, e modelizados, somente em seguida, pelo pesquisador. Essas temporalidades vividas atingem tanto os processos de estabilização quanto os processos de mudança, referenciados no estilhaçamento das

temporalidades modernas; o micro reinterroga o macro e o meso. Elas dão sentido às diferentes formas temporais e traduzem o vivido das temporalidades no campo das experiências quotidianas de todos e de cada um.

Os processos de profissionalização se cruzam permanentemente nas dinâmicas temporais distintas, que ritmizam, assim, os ciclos de vida dos indivíduos. Esses processos se reencontram, ao mesmo tempo, nos contextos coletivos (organizações de trabalho, organizações profissionais) e nos contextos individuais. Esses processos se reencontram nos coletivos, nomeadamente os grupos profissionais, ou, ainda, por meio dos indivíduos, exercendo uma atividade profissional idêntica. A aceleração dos ritmos temporais (ROSA, 2010) acentua as tensões entre os ritmos individuais e os ritmos institucionais da profissionalização: o tempo longo da construção de uma profissionalidade responde cada vez menos ao tempo urgente da profissionalização institucional.

## 2 A expressão do tempo vivido

Nosso interesse diz respeito, então, ao material biográfico, aquele que dá conta dos percursos de vida, mais especificamente, das sequências de vidas ligadas a atividades formativas e profissionais. Essa abordagem se fundamenta numa concepção compreensiva do tempo vivido: os “modelos históricos temporais” não têm existência neles mesmos; se eles não se integram, não são religados pelas concepções sociais, individuais, pelas representações dos atores na sua trajetória biográfica e temporal. Essas articulações se inscrevem nos processos, nos ritmos temporais de duração diferenciada nos tempos vividos dos indivíduos; permitem atravessar as posições temporais, não somente sobre registros temporais hierarquizados, mas também sobre uma linha idêntica do tempo vivido individual e socialmente. Essa postura e perspectiva não remetem a uma concepção do tempo linear, do tempo programado do *Chronos*, mas à concepção do tempo vivido, desenvolvida por Minkowski (1933), ou seja, processos intercalares, recursivos, entremeados, ligando diferentes níveis de temporalidades. A concepção do tempo em Minkowski (1933) oferece um quadro de reflexão adequado à compreensão das temporalidades vividas. O tempo se apresenta, de um lado, como um fenômeno irracional, refratário a toda fórmula conceitual; de outro lado, na medida em que procuramos representá-lo, toma, de uma maneira natural, o aspecto de uma linha reta. Para reduzir essa tensão, existem fenômenos que se intercalam e que se escalonam entre esses dois aspectos extremos do tempo, tornando possível a passagem de um a outro. Esses fenômenos se assemelham a articulações entre as posições temporais e criam, assim, o sentido de numerosas atividades, sociais e profissionais.

Esses processos se inscrevem no tempo vivido (ROQUET, 2013), e são construídos por cada indivíduo, ao mesmo tempo, na sua própria trajetória e nos contextos experienciais

de continuidade, assim como nos contextos de ruptura, ligando representação do passado, tempo presente e projeção no futuro. Os laços se constroem nessa relação passado/presente/futuro, dando sentido às experiências de cada um. É na análise de Walter Benjamin (1982) que podemos observar uma dissociação entre o espaço de experiências e o horizonte de expectativas. Essa dinâmica cria uma sucessão acelerada, mas não acumulativa de episódios, de vivências isoladas que se justapõem e que vão até a transformação da estrutura de experiência temporal subjetiva. Os ritmos diferenciados fazem sentido nessa organização do tempo vivido e atingem a compreensão dos processos de profissionalização. Eles participam da mudança do reconhecimento das profissões dos sujeitos em sua trajetória profissional.

### **3 A continuidade e a descontinuidade temporal da profissionalização: das formas diferenciadas de construção identitária**

Essa reflexão sobre as formas temporais da profissionalização coloca em relação as construções identitárias e profissionais dos adultos nas configurações temporais e se traduzem pelas formas variadas de profissionalização. Tomamos, a esse respeito, três exemplos saídos de nossos trabalhos de pesquisa para ilustrar nosso propósito e para mostrar que a continuidade e a descontinuidade temporal produzem formas diferenciadas de construção identitária.

#### **3.1 Os engenheiros: construções identitárias estabilizadas na continuidade temporal**

Para os engenheiros, o processo de profissionalização responde bem a uma dinâmica reprodutora de modelos (engenheiro de grandes escolas , engenheiro de produção , engenheiro de promoção ) que assegura a permanência das representações e, ao mesmo tempo, sua transformação ao grau da evolução dos contextos sócio históricos. A compreensão do nível macro permite entender a diversidade das ofertas identitárias organizadas segundo diferentes segmentos profissionais (ROQUET, 2005). As áreas de recrutamento, os dispositivos de formação, os modos de aprendizagem dos saberes (teóricos e empíricos), os modelos de carreira profissional participam da definição dos segmentos e da sua diferenciação.

Em consonância com os períodos históricos, os segmentos se recompõem, mantendo permanentemente modelos profissionais (engenheiro de grande escola<sup>3</sup>, engenheiro de

---

3 As grandes escolas (*grandes écoles*) são estabelecimentos de ensino superior com formação de alto nível que selecionam seus futuros alunos por concurso. Elas foram criadas na metade do século XVIII para atender as demandas de profissionais nas áreas técnicas e militares (engenharias de minas, de pontes e estradas, veterinária, agricultura etc.) e estão ligadas ao Ministério da Educação Nacional francês. NT

produção<sup>4</sup>, engenheiro promoção<sup>5</sup>). Esse é um movimento permanente de construção-desconstrução-reconstrução identitária que explicita o processo.

No caso dos engenheiros, o desenvolvimento desses dispositivos de formação se reporta a uma pesquisa de “síntese” entre o reconhecimento do diploma de engenheiro, o que liga, assim, todo dispositivo à representação de um modelo ideal do engenheiro (saberes acadêmicos), e à construção de “respostas”, em termos de formação, segundo a demanda do sistema produtivo, em termos de postos de responsabilidade técnica, de engenheiros de produção (saberes profissionais).

Assim, as representações dos modelos profissionais, como aquelas de engenheiro, encontram sua significação nos itinerários pessoais; ao contrário, se esses modelos não existem (emprego-jovens, formação em alternância), essas são novas formas de profissionalidades que se constroem no interior de percursos biográficos heterogêneos; são formas de transação permanentes entre sequências de vida, tomadas nas trajetórias e nos modos de profissionalização, apreendidas no interior de grupos profissionais, de pares, de coletivos de trabalho ou, ainda, de organizações (empresas, instituições...). Essas transações subentendem a construção de identidades profissionais (DUBAR, 2000) e dão um sentido vívido aos “percursos de profissionalização”, marcados, ao mesmo tempo, pela continuidade e pela ruptura temporal. A profissionalização reveste uma dimensão do tempo vivido individual; trata-se de uma construção que pode se fazer ao longo de toda a vida. É frequentemente uma combinação de modos alternativos ou concomitantes que define esses percursos em sua globalidade, inserindo-se num trajeto biográfico que, de qualquer sorte, deve encontrar sua autonomia e sua inventividade. Também no caso dos engenheiros, a profissionalização se constrói numa temporalidade longa, que permite apreender a durabilidade de modelos formativos e profissionais, assim como sua transformação, segundo diferentes configurações históricas.

### **3.2 Os massofisioterapeutas (MF): construções identitárias diversificadas na continuidade temporal**

Os resultados de uma pesquisa recente (ROQUET; GATTO; VINCENT, 2015) mostram que a fisioterapia é uma profissão, e que ela está a serviço do paciente e da sociedade, no seu conjunto. Ela responde aos critérios de profissionalização definidos por Wilensky (1964): a profissão é exercida em tempo integral, comporta regras de atividade (código da saúde pública, código penal, código civil para os MF), compreende uma formação e escolas especializadas, possui organizações profissionais (ordem

4 O autor se refere aos engenheiros ligados ao chão de fábrica ou à produção, e não especificamente ao engenheiro de produção, como conhecido no Brasil. NT

5 O autor se refere ao profissional que não realizou o curso de Engenharia (formação inicial), mas, diante das experiências comprovadas, foi reconhecido como tal por instituições de ensino devidamente credenciadas. Esse reconhecimento se faz após procedimento que visa à paridade entre as aquisições do ensino clássico, no caso, o curso de Engenharia, e as aquisições conseguidas num percurso paralelo ou autodidata. Na França, o mecanismo que permite essa promoção é conhecido como “Validação das aquisições da experiência” ou *Validation des acquis de l'expérience* (VAE). NT

profissional e sindicatos), comporta uma proteção legal de monopólio do exercício da atividade e estabeleceu um código de deontologia.

Os resultados permitiram definir a existência dos papéis sociais adquiridos pela experiência numa construção temporal de longa duração e pela adaptação às diferentes demandas sociais dos MF, em resposta às necessidades e às demandas dos pacientes e da sociedade. Esses novos papéis não são ainda reconhecidos no nível do exercício pelo Estado. Os papéis sociais identificados aparecem nos diferentes registros:

- o diagnóstico fisioterápico;
- o diagnóstico fisioterápico de exclusão;
- o diagnóstico fisioterápico diferencial;
- o diagnóstico fisioterápico de orientação;
- os cuidados em acesso direto;
- a decisão terapêutica em concordância com o paciente;
- as repostas às necessidades e às demandas implícitas e explícitas do paciente (qualidade);
- as atividades de relação, de educação e de comunicação concomitantes às atividades de reeducação;
- a inventividade, a criatividade, a conceptualização, a decisão (atividades singulares, a partir das demandas do paciente, de saberes disciplinares e de saber-fazer associados e da experiência do fisioterapeuta, concomitante ao ato de fisioterapia);
- a inovação conceitual e técnica ao longo das práticas;
- a prevenção, a educação voltada para a saúde do paciente e dos seus;
- o cuidado, do nascimento ao final da vida;
- o conselho;
- a alternativa à hospitalização;
- o tratamento em domicílio;
- o cuidado do paciente e dos seus, inscrito numa abordagem global dos cuidados, em concordância com a lógica do sistema de saúde atual.

Os resultados mostraram que a construção das identidades profissionais dos MF salientaria uma dimensão comum, na qual cada MF pode se reconhecer (a relação vocação/ofício), e dimensões diferenciadas, em torno da diferenciação de três lógicas identitárias (evolutiva, expertise, vocacional). É essa dupla perspectiva que define a identidade profissional dos MF e que constitui a base da sua profissão. Para a profissão dos MF, essa construção identitária permite a cada membro se definir, fazer-se reconhecer no exercício de sua atividade; permite, igualmente, a construção em torno de uma base comum que permite um reconhecimento por outros grupos profissionais

(médicos, profissionais de saúde) ou pacientes. Após uma análise de identificação das situações profissionais vividas dos MF, uma segunda análise permitiu identificar dois eixos que atravessam o relato biográfico, por vezes, reflexivo dos entrevistados.

O primeiro eixo de análise sobre o qual cada MF poderá se reconhecer (estabilidade da representação de si, sentido dado às atividades, a estabilização das práticas) coloca em articulação, por vezes, em tensão, a origem vocacional da atividade de massofisioterapeuta e a prática da profissão de massofisioterapeuta. A vocação corresponde a valores de universalidade, de humanidade, de relação humana... O ofício corresponde aos papéis profissionais (experto, comunicador, formador...) e aos papéis sociais (educação para a saúde, diagnóstico fisioterápico...) exercidos pelos MF na sociedade. Essa relação entre vocação e ofício constitui um componente estável da identidade profissional dos MF, sendo construída ao longo do tempo. Ela está no coração do sentido de sua atividade profissional e de seu reconhecimento profissional e social; constitui o ponto comum da construção identitária da profissão, sobre o qual todo MF se reconhecerá pessoalmente. Essa construção abrange um tempo longo da profissionalização, que articula o passado e o presente de uma profissão numa continuidade temporal.

O segundo eixo de análise permitiu igualmente definir três lógicas de construção identitária diferenciadas que participam da construção coletiva da identidade dos massofisioterapeutas. A base da diferenciação concerne em processos de reconhecimento pessoal, social e profissional de suas atividades. Os cruzamentos efetuados entre as situações profissionais encontradas pelos entrevistados e as trajetórias profissionais passadas e presentes expõem três modelos identificadores da profissão, ao mesmo tempo comuns e diferenciados no interior de carreiras profissionais: a lógica identitária vocacional, a lógica identitária evolutiva e a lógica identitária de *expertise*.

A lógica identitária vocacional se apoia em um processo de afirmação de uma identidade pessoal, mas, igualmente, na procura por papéis sociais adequados (por exemplo, para uma missão de cuidador). A reflexividade sobre suas práticas e a construção de sua profissionalização pelo uso da experiência, de saberes, contribuem para explorar a parte pessoal identitária, procurando, nas diferentes etapas da carreira, vários modos de reconhecimento (do outro, das instituições...).

A lógica identitária evolutiva se inscreve numa dinâmica de carreira, frequentemente ascendente, que permite integrar diferentes estatutos (liberal, assalariado...), diferentes postos e funções, além de desenvolver diferentes formas de competências (científicas, técnicas...), procurando vias de evolução profissional pela formação continuada, notadamente. A mobilidade profissional é “o ingrediente desta dinâmica”.

A lógica identitária de *expertise* ou de especialista se efetua mais num processo de diferenciação identitária. O *expert*, o artista se afirma na criação de novas técnicas, de novos saberes que se inscrevem numa arte reconhecida nos diferentes mundos sócio

profissionais (esporte de alto nível...). Dessa forma, o desafio do reconhecimento é a singularidade da competência e, então, da defasagem com outros profissionais ou coirmãos.

Essas três formas identitárias se reencontram, igualmente, num tempo longo da profissionalização que articula, mais especificamente, presente e futuro nas formas de construção de carreiras profissionais e propõe, assim, uma variabilidade das construções identitárias.

Esses processos de construção identitária de adultos em atividade profissional colocam em destaque a construção e a valorização da experiência, associadas a formas de reflexividade (DEWEY, 1934). Trata-se de formas de profissionalização inscritas em formas temporais de longa duração, para os indivíduos. Esse tempo longo, durável, constrói-se sobre um conjunto de acontecimentos, de provas que se solidificam sob a forma de reconhecimento dos percursos profissionais dos indivíduos. Esse tempo longo assegura uma forma de continuidade na profissionalização dos MF.

### **3.3 Os empregos-jovens da mediação social: as temporalidades da descontinuidade**

O objetivo desse dispositivo (1999-2005) é permitir aos jovens ascender rapidamente ao emprego nas novas formas de atividades (mediação social). Durante esse período, as entradas e as saídas do dispositivo desses jovens foram muito variáveis. O objetivo da criação de atividades condiciona o objetivo de acesso dos jovens ao emprego. A profissionalização se torna uma categoria de intervenção da política do emprego em favor dos jovens. A dimensão temporal está associada a esse processo: a profissionalização dos jovens se constrói nas temporalidades sequenciadas (no momento do contrato, durante a vigência do contrato e após a passagem no dispositivo). Opera como uma via de transição ou de socialização profissional para grande parte do público. O dispositivo “empregos-jovens” se liga a uma temporalidade efêmera, que vai ao encontro de um processo de perenização e de profissionalização. Um conjunto de dispositivos de formação intervém para situar horizontes temporais futuros e incertos, não para construir modelos profissionais de atividades e de saberes para os jovens. Cabe aos próprios jovens fazerem-se reconhecidos em suas competências no interior de seus percursos formativos e profissionais. A construção de suas identidades profissionais remete a processos estilhaçados de autonomização de atividades, sem modelos profissionais estabelecidos ou reconhecidos: cabe aos jovens valorizar e legitimar suas atividades, notadamente aquelas ligadas à mediação social. Os modelos profissionais não existem ou são poucos; os percursos profissionais dos empregados-jovens não puderam se apoiar sobre modelos estabelecidos da profissionalização de suas atividades: não existem quadros estabelecidos de uma profissão. São construções temporais que asseguram aos indivíduos integrarem ou não, na sua própria trajetória, os espaços de possibilidades em seu percurso de profissionalização. Essa possibilidade remete à

intencionalidade ou à capacidade de agir, que exprime a capacidade dos indivíduos de ser ou de vir a ser ator de sua vida.

Assim, se esses modelos profissionais não existem, eles são novas formas de profissionalidades que se constroem no interior de percursos biográficos heterogêneos, construídos em continuidade/descontinuidade. As temporalidades biográficas desses jovens estão mais marcadas pelas construções instáveis, pelos “momentos” de reconhecimento profissional de suas atividades e de suas experiências. O quadro biográfico, experiencial, nas temporalidades variadas, encontra-se diante da cena sem, contudo, ter sido reconhecido, consolidado pelo quadro institucional. Essas são formas de transação permanentes entre sequências de vida, tomadas nas trajetórias dos modos de profissionalização, apreendidas no interior de grupos profissionais, de pares, de coletivos de trabalho ou ainda de organizações (empresas, instituições...). Essas transações subentendem a construção de identidades profissionais (DUBAR, 2000) e dão um sentido vívido aos “percursos de profissionalização”, marcados, ao mesmo tempo, pela continuidade e pela ruptura temporal.

A profissionalização desses empregados-jovens participa do ajustamento, por aproximações, em torno dos modelos formativos e profissionais comuns, ou, ainda, pela invenção de modelos de formação (autoformação) que respeitem as temporalidades individuais e que enraízem os percursos de profissionalização nos itinerários individuais. Ao modelo clássico descritivo e classificatório dos percursos empregos-formação, uma abordagem compreensiva das trajetórias individuais refuta a hipótese de percursos prescritivos ou programados pelos atores institucionais. Ao contrário, uma multiplicidade de contingências, oportunidades, aleatoriedades e acidentes de percurso constroem as estratégias de profissionalização, contextualizadas nas situações formativas e profissionais visíveis. Também o tempo de profissionalização dos empregos-jovens se constrói sob a forma de aprendizagens diversificadas (competências relacionais, capacidades de improvisação) que permitem aos indivíduos desenvolverem formas variadas de competências nas formas de construção identitária variadas, sem modelo estabelecido. As formas estilçadas e descontinuadas das temporalidades individuais constroem profissionalidades únicas desses empregados-jovens.

#### **4 Conclusão: a oposição tempo longo/tempo curto da profissionalização**

Os três processos de construção identitária, dos engenheiros, dos MF e dos empregados-jovens da mediação, inscrevem-se nas dinâmicas diferenciadas de profissionalização das temporalidades diferenciadas. Os percursos individuais mobilizam diferentes sequências temporais: a continuidade, a descontinuidade, a ruptura, o projeto...., que estruturam permanentemente esses percursos. Essas formas temporais expressas nos relatos biográficos não se dissociam das formas temporais institucionais (entrada no

dispositivo de formação ou de profissionalização, reconhecimento sócio profissional) que marcam e monitoram os itinerários individuais. O tempo estabelecido da construção identitária dos engenheiros se distingue do tempo construído da profissionalização dos MF, inscrito nas dinâmicas identitárias em via de estabilização, e se opõe ao tempo descontínuo da profissionalização dos empregados-jovens de formas identitárias incertas. Essas três formas de dinâmicas temporais marcam os percursos dos adultos inscritos nas vias de profissionalização cada vez mais complexas. Ao tempo longo, necessário a toda forma de reconhecimento profissional, se opõe o tempo curto da atividade imediata, frequentemente pouco reconhecida socialmente. Também o tempo vivido da profissionalização, o tempo biográfico (nível micro) se inscreve nos contextos profissionais marcados, no nível meso, pelas diferenças significativas de reconhecimento e de perenidade, que remetem à existência ou não de modelos profissionais (nível macro) estáveis e estabelecidos.

## Referências

AUBERT, N. **Le culte de l'urgence**. La société malade du temps. Paris: Flammarion, 2003.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire**. Un poète lyrique à l'apogée du capitalisme. Paris: Payot, 1982.

BOUTINET, J-P. **Vers une société des agendas**. Une mutation des temporalités. Paris: PUF, 2004.

BRAUDEL F. **La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II**. Paris: Armand Collin, 1949.

DEWEY, J. **Expérience et Education**. Paris: Armand Collin, 1934.

DUBAR, C. **La crise des identités**. Paris: PUF, 2000.

DUBET, F. **Le déclin de l'institution**. Paris: Le Seuil, 2002.

ELIAS, N. **Du temps**. Paris: Fayard, 1996.

HARTOG, F. **Régimes d'historicité**. Paris: Le Seuil, 2003.

KOSELLECK, R. **Le futur passé**. Paris: Ed de l' EHESS, 1990.

MINKOWSKI, E. (1ère édition). **Le temps vécu**. Etude phénoménologique et psychopathologique. Neufchâtel, Delachaux et Nestlé, 1933.

ROQUET, P. Temporalités et temps vécu. In: ROQUET, P. et al. **Temps, temporalités, et complexité dans les activités éducatives et formatives**. Paris: L'harmattan, 2013.

ROQUET, P.; GATTO, F.; VINCENT, S. **L'identification et la reconnaissance des rôles et des identités des masseurs-kinésithérapeutes**. Centre de Recherche sur la Formation, CNAM, 2015.

ROSA, H. **Accélération**. Une critique sociale du temps. Paris: La Découverte, 2010.

SENNETT, R. **La culture du nouveau capitalisme**. Paris: Albin Michel, 2006.

SUE, E. **Temps et ordre social**. Paris: PUF, 1994.

VIRILLO, P. **La vitesse de libération**. Paris: Galilée, 1995.

VIRILLO, P. **L'accident originel**. Paris: Galilée, 2005.

URRY, J. **Sociologie des mobilités**. Paris: Armand Collin, 2005.

WILENSKY H. The professionalization of Everyone? **American Journal of Sociology**, 2, p. 137-158, 1964.

Recebido em: 30/01/2017

Aprovado em: 29/08/2017